

ARTIGO

A pedagogia da explicação, a pedagogia da emancipação intelectual e o princípio da liberdade

The pedagogy of explanation, the emancipation of pedagogy and intellectual freedom principle

La pedagogía de la explicación, la pedagogía de la emancipación intelectual y el principio de la libertad

Kênia Ribeiro da Silva Hidalgo

Pontifícia Universidade Católica de Goiás - Brasil

Beatriz Aparecida Zanatta

Pontifícia Universidade Católica de Goiás - Brasil

Raquel Aparecida Marra da Madeira Freitas

Pontifícia Universidade Católica de Goiás- Brasil

Resumo

O texto apresenta uma leitura da proposta do filósofo francês Jacques Rancière, sobre a emancipação do sujeito presente no ato de aprender e ensinar. Inicialmente apresenta uma síntese do pensamento de Rancière, cuja origem remete à descoberta e reinterpretação da experiência do

pedagogo francês Joseph Jacotot, no século XIX. Em seguida, especifica as contribuições de Rancière para a metodologia de ensino por meio dos seguintes conceitos: emancipação intelectual, igualdade e desigualdade, instrução pública, método de ensino e aprendizagem. Tanto Rancière quanto Jacotot priorizam uma metodologia baseada no princípio da liberdade, desvinculada da tradição de uma ação educativa escolar que se perpetua pela transmissão do conteúdo de ensino por meio da lógica da explicação.

Palavras-chave: Emancipação intelectual. Igualdade e desigualdade. Instrução Pública. Método de ensino e aprendizagem.

Abstract

This paper presents a proposal of reading the French philosopher Jacques Rancière on the emancipation of the subject present in the act of learning and teaching. Initially summarizes the thinking of Rancière, whose origin refers to the discovery and reinterpretation of the experience of the French pedagogue Joseph Jacotot in the nineteenth century. Then specifies the contributions of Rancière for teaching methodology through the following concepts: intellectual emancipation, equality and inequality, public education, teaching methods and learning. Both Rancière as Jacotot prioritize a methodology based on the principle of freedom, rickety tradition of a school educational activity that is perpetuated by the transmission of educational content through the explanation of the logic.

Keywords: Equality and inequality. Intellectual emancipation. Public Instruction. Teaching and learning method.

Sumario

El artículo presenta una propuesta de lectura del filósofo francés Jacques Rancière en la emancipación del sujeto presente en el acto de aprender y enseñar. Inicialmente resume el pensamiento de Rancière, cuyo origen se refiere al descubrimiento y la reinterpretación de la experiencia del pedagogo francés Joseph Jacotot en el siglo XIX. Luego especifica las contribuciones de Rancière de metodología de la enseñanza a través de los siguientes conceptos: la emancipación intelectual, la igualdad y la desigualdad, la educación pública, los métodos de enseñanza y aprendizaje. Tanto Rancière como Jacotot priorizar una metodología

basada en el principio de la libertad , la tradición desvencijadas de una actividad educativa de la escuela que se perpetúa por la transmisión de contenidos educativos a través de la explicación de la lógica .

Palabras clave: Emancipación intelectual .Igualdad y la desigualdad. Instrucción pública. Enseñanza y el método de aprendizaje.

Introdução

O texto apresenta uma leitura daproposta do filósofo francês Jacques Rancière (Argel – 1940), é professor emérito da Universidade de Paris VIII e sua escrita tem-se expressado, sobretudo nas áreas da história, da filosofia, da estética e da política, cuja origem remete ao século XIX, em particular, a descoberta e reinterpretação da experiência do pedagogo francês Joseph Jacotot (Dijon, 1770 – 1840), foi um pedagogo revolucionário na França de 1789. Foi aluno da Universidade de Dijon, estudando Direito e Matemática e professor desta mesma instituição. Após a restauração da monarquia dos Bourbons foi exilado nos Países Baixos. Na Bélgica, foi nomeado professor de literatura francesa na Universidade do Estado de Lovaina, e logo diretor da Escola Militar. Ao regressar à França, instalou-se em Valenciennes por volta de 1830 na Revolução de Julio, e em 1838, dois anos antes de sua morte, estabeleceu-se em Paris. Um dos trabalhos de Rancière considerado como de maior repercussão — O mestre ignorante: Cinco lições sobre a emancipação intelectual (1987) —, resultou da confluência entre suas ideias e as de Jacotot sobre os problemas da emancipação intelectual e da emancipação social. Esta obra apresenta importantes reflexões sobre a emancipação intelectual dos indivíduos, discutida através da relação entre a educação e a pedagogia. Apresenta uma genealogia do problema da educação na França e discute questões fundamentais sobre o ensino, com proeminência ao método panecastic, ou educação universal, desenvolvido pelo pedagogo francês Joseph Jacotot. A análise de Rancière contribui

para ampliar a compreensão acerca do desenvolvimento histórico das teorias da educação e das práticas educativas escolares, o que justifica a relevância do estudo e discussão de suas ideias. Mas, sobretudo, contribui para a análise de questões e problemas presentes na educação escolar brasileira tendo em vista o alcance dos objetivos de promover a ascensão educacional e social.

O presente trabalho buscou apresentar as críticas de Rancière aos fundamentos da Pedagogia ancorados na lógica de um saber meramente instrutivo e transmissivo como precursor da aprendizagem e como caminho legítimo de ascensão educacional e social. Inicia com uma síntese das principais ideias de Joseph Jacotot; em seguida situa o pensamento de Jacques Rancière e destaca conceitos necessários à compreensão de seus questionamentos à Pedagogia da Explicação.

Joseph Jacotot: ensinar sem explicar

Na obra *O Mestre ignorante: Cinco lições sobre a emancipação intelectual*, Jacques Rancière, narra a experiência vivida por Joseph Jacotot, um intelectual ativo da época da Revolução Francesa, exilado nos Países Baixos por causa da restauração da monarquia. Como professor da Universidade de Louvain, Jacotot vivenciou uma experiência que mudou sua concepção de educação, bem como sua concepção do processo de aquisição de conhecimento. Sem saber o idioma holandês e tendo como interlocutores alunos que não sabiam o idioma francês, ele se viu diante do desafio de encontrar modos de viabilizar o processo de ensino e que superassem o obstáculo de seu ofício: a barreira linguística. Através de um intérprete, ele propõe a seus alunos a leitura de uma edição bilíngue de Telêmaco, uma espécie de dicionário bilíngue (francês-holandês), publicada naquela época em Bruxelas. Orienta seus alunos que se empenhassem a ler e compreender a língua francesa por meio do exercício de repetição e observação sem as explicações de um mestre que os conduzisse ou facilitasse sua aprendizagem. E, em seguida, deveriam

relatar o que leram. Surpreendido, ele percebe que mesmo sem ter explicado acerca dos primeiros elementos da língua desconhecida, os estudantes holandeses apreenderam o conteúdo de forma significativa, levando-o a questionar o como e para quê se ensina e qual a necessidade de explicação, colocando em xeque o papel do professor. Por este motivo, Jacotot, acreditando na transmissão do conhecimento como possibilidade para um progresso social, reconsiderou, em função da experiência vivida em Louvain, sua visão sobre a concepção de educação e, por conseguinte, da prática do processo de ensino e aprendizagem.

A partir desta experiência, Jacotot desvencilha de sua crença a ideia de que a grande tarefa do mestre é a de transmitir seus conhecimentos aos estudantes para que, gradativamente, apropriem-se racionalmente do saber. Assim, conclui que era necessário alterar a lógica do sistema explicador, desenvolvendo, um método de ensino e aprendizagem, em oposição ao método tradicional baseado na explicação, denominado, por ele, de *Ensino Universal*. Isto é, um método de ensino capaz de favorecer a emancipação de seus educandos e não o seu “embrutecimento”. Emancipação esta que, no entendimento de Jacotot, se efetiva pelo próprio desejo de aprender dos estudantes frente aos desafios propostos pelo mestre diante das circunstâncias da situação.

Até então, no entendimento de Jacotot, assim como dos professores da época, a instrução pautava-se nos métodos tradicionais e a função do mestre era a de transmitir conhecimentos, ordenar a mente do aluno, desenvolver sua capacidade cognitiva, partindo do simples para o complexo, por meio de explicações conteudistas e enciclopedistas. Em contraposição a essa crença Jacotot resolve comprovar sua experiência. Assim, inspirado na aquisição e no aprendizado da língua materna pelas crianças, de forma autônoma e natural, passa a ensinar disciplinas e ofícios que ele mesmo ignora, como pintura e piano. Sua nova visão sobre o processo de ensino-aprendizagem confirma seu entendimento de que é possível ensinar sem explicar, inclusive ignorando aquilo que se ensina.

Rancière e a emancipação intelectual: igualdade e desigualdade de inteligências

Discípulo de Louis Althusser, por volta dos anos de 1964, Rancière distancia-se de seu mestre em 1974, colocando em questão a ortodoxia marxista da época. A ruptura com seu mestre, ao mesmo tempo filosófica e política, se efetiva no contexto do impacto da revolução cultural na China de Mao Tse-Tung e dos estilhaços do Maio francês, que o conduziu a reavaliação das relações históricas e filosóficas entre o conhecimento e as massas.

Em meio a estes acontecimentos, Rancière reúne jovens intelectuais e cria seu próprio grupo. Deste grupo resultou uma publicação, denominada *Révoltes Logiques* –, que colocou em questão, com o apoio de Rimbaud, as representações tradicionais do social.

Ao mesmo tempo, Rancière se dedica à análise dos arquivos dos movimentos operários do século XIX. Pesquisa da qual resultarão, em 1981, *A noite dos proletários* e, em 1985, *O filósofo plebeu*. Seu interesse pela história da emancipação operária e, em particular, por alguns utopistas do século XIX, respondia desde o começo à ideia de que a revolução não nasce necessariamente dos seus teóricos, que a emancipação social é antes o produto de movimentos que perseguem a própria emancipação intelectual e individual (RANCIÈRE, 2010).

O estudo dos movimentos operários conduziu Rancière à descoberta do pedagogo Joseph Jacotot que em princípios do século XIX colocou em questão os fundamentos da pedagogia tradicional e situou o problema da educação no âmbito da emancipação.

Rancière resgata tal abordagem na década 1980 em um contexto impregnado do debate pedagógico reprodutivista, que aponta a escola como reprodutora das desigualdades sociais. Reprodução esta, pautada na lógica da disseminação universal, indiferenciada e indistinta do saber. Permanecendo, segundo Rancière, preso à redução das desigualdades presentes em nome de uma igualdade futura.

Ao recolocar em cena as ideias de Jacotot, Rancière defendeu, em oposição aos fundamentos da pedagogia tradicional, uma intelectualidade emancipatória, cujos métodos de ensino levariam à produção do conhecimento. Assim, apontou as fragilidades da explicação hierarquizada transmitida pelo professor aos alunos, argumentando que, os alunos eram dotados igualmente de uma capacidade intelectual de aprender qualquer coisa autonomamente e relacionar esse saber (RANCIÈRE, 2010).

Com esse entendimento, Rancière (2010) contrapõe o pensamento ideológico burguês de que uns são mais dotados intelectualmente que outros quando defende a ideia de que não há hierarquia de capacidade intelectual, indicador necessário para fomentar a emancipação.

A tese central defendida pelo autor é a de que todos têm igual inteligência, portanto, podendo ser intelectualmente emancipados. Daí surge a ideia de uma emancipação social, onde todos compreenderiam que não existe desigualdade de inteligências. Ao ter esta consciência, os indivíduos compreenderiam que a instrução não seria o caminho salvífico para se alcançar a autonomia e, conseqüentemente, a ascensão social tão defendida pelos princípios burgueses.

A igualdade de inteligências não é dada cientificamente e também não é reconhecidamente imposta, ou tão pouco é algo a ser alcançado. Pressupõe a transformação da “normalidade” vigente, onde todos, igualmente reconhecidos, são capazes de exercer suas realizações. “Normalidade” essa que, para o autor, diz respeito a um modo de funcionar da sociedade que promove o reconhecimento desigual dos homens, um funcionamento destituído de razão. Daí o termo “paixão pela desigualdade”, no qual a sociedade deixa de funcionar pela racionalidade e passa a ser submetida pela vontade da lógica da desigualdade. Em contraposição a essa “perversão da vontade” Rancière defende a ideia de que “o homem é uma vontade servida por uma inteligência”. Para ele, o desenvolvimento da inteligência tem a ver com uma estreita relação entre vontade e poder da razão. “A vontade é potência de se mover, de agir segundo movimento próprio, antes de ser instância de escolha”

(RANCIÈRE, 2010, p. 83). Talvez sejam as desiguais vontades que explicam as desiguais performances intelectuais.

Esclarecendo essa dinâmica, Rancière afirma que inteligência e vontade podem operar de maneira atenta ou distraída. O fato de o ignorante dizer “não posso” é fruto de uma falsa modéstia. É um “pretexto para se dispensar dos estudos que lhes desagrade, do exercício de que não gosta”. Atribui-se, então, a causa da distração o desprezo pela igualdade. “A paixão pela desigualdade é a vertigem da igualdade, a preguiça diante da enorme tarefa que ela requer, o medo diante de um ser racional que se respeita a si próprio”. É a falta de vontade de operar a racionalidade através da inteligência que dá origem à distração. Isto é, a um desaproveitamento da potencialidade intelectual (RANCIÈRE, 2010, p. 115-6).

Para Rancière seria mera ficção acreditar na realidade da desigualdade e na ideia de que os ditos superiores na sociedade são efetivamente superiores simplesmente por terem passado pela escola e por terem contado com os mestres explicadores, embora, tal superioridade de inteligência tenha sido convencionada para estabelecer padrões, valores e normas para uma sociedade. Ao hierarquizar, a sociedade institui o sentido de desigualdade. Essa hierarquia é reforçada pelos próprios ditos inferiores ao renunciarem ao seu próprio potencial de aprender, questionar esses mesmos padrões, valores e normas vigentes, em detrimento da sua permanência na impotência de pensar. Ao invés de se acovardar, ao renunciar sua própria potência é necessário que os indivíduos se emancipem e se conscientizem de seu poder intelectual.

Nesse sentido, ele é enfático ao afirmar que, a inteligência não é potência de compreensão que se encarregaria ela própria de comparar seu saber a seu objeto. Ela é potência de se fazer compreender, que passa pela verificação do outro. E somente o igual compreende o igual. “Igualdade e inteligência são termos sinônimos, assim como razão e vontade” (2010, p. 107). É essa semelhança, diz o autor, da capacidade intelectual dos homens que torna, em geral, a possibilidade de se construir uma sociedade.

Para o autor (2010), Jacotot foi o único igualitário (defensor da igualdade) a perceber que a representação e a institucionalização do progresso [...] acarretavam a renúncia à aventura intelectual e moral da igualdade e que a instrução pública era o caminho para o luto da emancipação. Jacotot “[...] rejeitou qualquer tradução pedagógica e progressista da igualdade emancipadora (p. 184)”.

Rancière: instrução pública como princípio de liberdade

Ao conceber a instrução pública como condição para promover emancipação intelectual, Rancière chamou a atenção para a necessidade de inverter a lógica da explicação como fundamento do processo educacional que negligencia a capacidade dos homens de aprender por si só. Inversão esta, fundamentada no princípio da liberdade e desvinculada de uma tradição embrutecedora que se perpetua pela transmissão do conhecimento por meio da ação explicativa no período da formação escolar.

Segundo Rancière, a lógica da explicação, antes de ser uma ação pedagógica, é “o mito da pedagogia,” “[...] a parábola de um mundo dividido em espíritos sábios e espíritos ignorantes, espíritos maduros e espíritos imaturos,” cuja inteligência dos primeiros, a superior, é apta a transmitir seu conhecimento e a inteligência dos últimos, a inferior, apenas capta o que aprendem de acordo com suas necessidades. O princípio da explicação é o princípio do embrutecimento que sucede quando uma inteligência é subordinada a outra. Quanto mais culto o mestre, mais ele distancia seu saber da ignorância dos ignorantes, já que ele coloca em prática este princípio sem preocupar se o outro está compreendendo. Nesse sentido, defende, conforme recomenda Jacotot, que a pedagogia deve subtrair a explicação, eliminar a poderosa presença do explicador, deve deixar de explicar.

Essa posição é naturalmente acentuada quando o mestre ao ignorar o que o aluno deve aprender, anula, numa operação pedagógica

única e singular, tanto a explicação como o entendimento do outro. Ou seja, dissocia uma coisa da outra. Explica o que não tem nada para explicar e os alunos compreendem o que não têm nada para compreender.

Em contraposição a essa lógica, Rancière considera que instruir para a emancipação pressupõe um movimento dos que buscam, por si mesmos, traçar e percorrer seu próprio caminho. Um caminho em que a emancipação, via instrução, não é dado, mas conquistado, pois todos os homens têm igual inteligência e sempre é possível se emancipar sozinho, mas sempre nos emancipamos em relação à outra pessoa.

Com este entendimento, defende o Ensino Universal a todos, como o único meio de instrução. Ou seja, de superar, a obscuridade rumo à compreensão do mundo, como participantes ativos e enquanto sujeitos de transformação. Em sua opinião, o desafio do ensino universal é fazer aqueles que se julgam inferiores em inteligência sair da obscuridade em que vivem rumo à compreensão do mundo, sendo participantes ativos enquanto sujeitos de transformação. É a consciência dessa igualdade ou reciprocidade que permite a inteligência se atualizar pela verificação. “O que embrutece o povo não é a falta de instrução, mas a crença na inferioridade de sua inteligência” (RANCIÈRE, 2010, p. 65). A instrução é como a liberdade, não se concede, mas se conquista. Cada cidadão realiza uma obra.

Entretanto, não era sua ideia fazer do ensino universal a única alternativa. Ele deixa claro que a instrução e a emancipação não devem ser administradas por uma segunda ou terceira via, mas que devem ser conquistas individuais. Logo, o Ensino Universal não deve ser institucionalizado, pois as instituições escolares impregnadas de valores, de crenças e intencionalidades não conseguem realizar a emancipação dos homens. Mesmo porque, de acordo com esses princípios, a escola ao formatar este homem, ignora a história de vida do aprendiz e os saberes que adquiriu antes da sua entrada na instituição. Daí argumenta que o Ensino Universal não deve ser

dirigido para a sociedade, mas para indivíduos, pois, estes não precisam de formas e de ordem exigidas pela sociedade para se estabilizarem. Partir do pressuposto de que alguém precisa ser obrigado a se instruir, é conceber a instrução e a escolarização como requisitos indispensáveis do sistema educacional em que apenas os mais capazes intelectualmente conseguem ser reconhecidos como “superiores”. Deste modo, ele se posiciona contra as instituições escolares, pelo seu papel subordinado às ordens superiores que por meio de suas normas tolhe qualquer manifestação cultural e intelectual dos alunos que estejam fora dos padrões estabelecidos pela instituição.

Ao afirmar que não há instituição que seja capaz de emancipar um sujeito, e se posicionar contra a obrigatoriedade escolar, Rancière, embora considere que o professor não seja emancipador, também não nega sua contribuição no processo de instrução. Ele destaca que o professor, inserido na instituição de regras e normas, também está sujeito a obedecê-las. Em razão disso, se embrutece e não pode emancipar. “Um professor não é nem mais nem menos inteligente do que qualquer outro homem” (2010 p. 37). Um professor é alguém que desempenha uma função social no âmbito de uma instituição. Sobre o papel da instituição, particularmente sobre o seu poder embrutecedor, escreve Rancière (2010, p. 146):

O ensino universal não é nem pode ser um método social. Ele não pode ser difundido nas instituições da sociedade, nem por iniciativa delas. Não que os emancipados não sejam respeitosos da ordem social; eles sabem que, de toda maneira, ela é menos nociva do que a desordem. Mas é tudo o que lhe concedem, e decerto nenhuma instituição poder-se-ia contentar com tão pouco. Não é suficiente que a desigualdade se faça respeitar: ela quer ser objeto de crença e de amor. Ela quer ser explicada. Toda instituição é uma explicação em ato da sociedade, uma encenação da desigualdade. Seu princípio é e será sempre antiético ao do método fundado sobre a opinião da igualdade e da recusa das explicações. O ensino universal pode ser dirigido a indivíduos, jamais a sociedades.

Método de ensino e aprendizagem

A partir da experiência de Jacotot, Rancière avança ao propor o método emancipador. Até então, o método utilizado, pautava-se na explicação e na hierarquia entre professor/aluno, entre quem é instruído e quem não é, revelando um caráter embrutecedor ao atribuir unicamente ao professor a responsabilidade de ser o detentor do conhecimento, o detentor da autoridade.

A essa prática do embrutecimento, pautada na lógica da explicação, Rancière se opôs ao propor a pedagogia da emancipação pela lógica da provocação. Isto é, da ação de um indivíduo que utiliza o seu poder de ordenar para provocar o aluno para que ele exercite seu potencial de produção do conhecimento. Um provocador que se utiliza de uma determinada ação de correção para estimular o aluno a ter vontade de querer conhecer. O que indica a submissão da emancipação à autoridade de um outro que, nesse momento, é visto como superior. E, por conseguinte, da desigualdade, a partir do momento que se pretende estabelecer a igualdade entre todos, pelo fato de que aquele que ordena detém certo poder de ordenar, e o outro de obedecer.

Todavia, Rancière argumenta que no “método de Jacotot”, os alunos não eram dirigidos segundo o princípio da desigualdade ou inferioridade intelectual. Jacotot deixou-os entregues a sua própria inteligência a fim de que se emancipassem e tentassem trilhar seus próprios caminhos. Ele não se valeu de um método específico para conduzir os educandos. Ele apostou na liberdade de escolha de cada educando.

Com esse entendimento, Rancière, argumenta que para um professor gerar as condições de emancipação do educando é necessário que ele se posicione como um aprendiz em busca de emancipação, e não como alguém detentor de uma formação específica cujo papel é guiar outra inteligência. Nessa perspectiva, destaca que o papel do mestre é o de oportunizar aos educandos as condições e possibilidades que despertem

e potencializem nos educandos a vontade de aprender, para que eles se emancipem intelectualmente. Aprendizagem esta que se torna possível por meio do ensino fundamentado no método universal, pautado no princípio de que todos têm uma inteligência à serviço da vontade.

Para isso, Rancière destaca algumas orientações inerentes à prática do método universal tais como: toda ação pedagógica deve começar negando as desigualdades e afirmando que todos podem aprender e são iguais diante do conhecimento; conceber a explicação como mais uma possibilidade metodológica para sugerir caminhos e possibilidades; considerar a improvisação, o exercício da “virtude poética” como caminho essencial para a emancipação; reconhecer o uso de perguntas indutivas como recurso pedagógico válido na medida em contribui para ampliar o campo da problematização, estimulando o educando a ver de outra maneira algo que sempre lhe pareceu comum. Adverte o autor que ao lançar mão de perguntas indutivas a fim de, num primeiro momento, apontar um caminho diferente daquele que o educando está habituado a seguir, o mestre pode inquietá-lo e desacomodá-lo a fim de despertar nele o desejo e a vontade de aprender. Mesmo porque, no seu entendimento, emancipador é aquele mestre que propõe o problema e não apresenta a solução. Antes, permite que o educando se perceba capaz de partir ele próprio em busca da melhor maneira de solucionar o problema proposto. O que coloca como desafio para o mestre saber reconhecer a distância entre a matéria ensinada e o sujeito a ensinar.

Nessa perspectiva, o mestre não se mantém distante, mas próximo de seu pupilo e a liberdade é o ponto de partida. Ao invés de cultivar apenas a faculdade da memória, se cultiva a inteligência, o gosto e a imaginação. “O aluno deve ver tudo por ele mesmo, comparar incessantemente e sempre responder à tríplice questão: o que vê? O que pensa disso? O que fazes com isso? E, assim, até o infinito” (RANCIÈRE, 2010, p. 44). Como observa Rancière (2010, p. 49), “o conhecimento nasce da interrogação: quem desconhece essa simples evidência dificilmente estará em condições de prestar contas daquilo que aprendeu”. Quem se recusar

a reconhecê-lo, dificilmente estará em condições de aprender – menos ainda, de ensinar. Cabe ao mestre acompanhar seu trabalho a partir da materialidade do objeto e de seu discurso.

Há, portanto, uma estreita relação entre professor e aluno. É a consciência da igualdade ou reciprocidade que permite a inteligência se atualizar pela verificação. Daí a argumentação de Rancière, assim como de Jacotot, sobre a necessidade de inverter a lógica da explicação, do sistema explicador da pedagogia, da pedagogia que é somente explicação. Eis duas das principais ressonantes dissonâncias pedagógicas apontadas por Joseph Jacotot:

a) Não explicarás: Trata-se de uma forma de pensar o pensamento, de transmitir a transmissão pedagógica, e não uma explicação voltada para explicar, tautologicamente, a explicação. Ou, nas palavras de Rancière, voltada para o *embrutecimento do outro*. É preciso inverter as lógicas da explicação;

b) Não compreenderás: A compreensão é de uma natureza maléfica, pois fere a razão, a interrompe, a deixa sem mobilidade, quebra a sua insistente fragilidade, a ordena de uma vez e para sempre. Compreender significa compreender que nada compreenderá, a menos que lhe expliquem. Eis os dois princípios mais pétreos da pedagogia – a explicação do mestre e a compreensão do aluno.

Em síntese, para Jacotot e Rancière, a pedagogia nos é dada da seguinte forma: primeiro passo, a explicação; segundo passo, a compreensão; terceiro passo, a reexplicação; quarto passo, imaginar a maior desolação imaginável, para o mestre e para o aluno.

Portanto, o propósito da pedagogia não dever ser o de fazer de duas inteligências uma inteligência só. Mas, o de poder ensinar o que se ignora de modo que o outro possa utilizar a sua própria inteligência. Essa é, em linhas gerais, a proposta de Rancière para construção da sociedade dos emancipados. Uma sociedade que repudia, tal qual a sociedade dos artistas, a divisão entre aqueles que sabem e que não sabem, entre os que possuem e não possuem a propriedade da inteligência. Tal

sociedade seria composta de homens ativos que fazem, que falam do que fazem e transformam. A lição emancipadora do artista, oposta à lição embrutecedora do mestre explicador é a de que todos os homens são artistas, na medida em que não se contenta em ser homem de um ofício, mas pretende fazer de todo trabalho um meio de expressão e na medida em que não contenta em sentir, mas em compartilhar. Na mesma medida que o artista tem a necessidade de igualdade, o mestre explicador tem de desigualdade.

Considerações Finais

A partir da leitura crítica do livro *“Mestre Ignorante: Cinco lições sobre a emancipação intelectual”*, Jacques Rancière apresenta um contraponto entre a pedagogia da emancipação pela lógica da explicação e a pedagogia da emancipação pela lógica da provocação. Nessa argumentação, reconhece a explicação como nociva tanto para quem ensina como para quem aprende, relacionando-a com o embrutecimento, já que permite o desenvolvimento intelectual do indivíduo, e defende uma proposta fundamentada nos princípios da lógica da provocação como possibilidade de emancipação. Uma proposta que prioriza o desenvolvimento da vontade individual do aluno, por meio de outro indivíduo que utiliza de uma determinada ação para provocar, o aluno para que ele exercite seu potencial de produção do conhecimento, para que ele tenha vontade de conhecer. Nessa relação, Rancière compreende a liberdade do homem como construída a partir de outro detentor de certa autoridade para ordenar a vontade daquele que ainda não tem vontade de conhecer. O que aponta para o entendimento de uma emancipação submetida à autoridade de outro que, nesse momento, é superior. Tal condição pode ser entendida como uma fragilidade da proposta de Rancière à superação da desigualdade, inerente a lógica da explicação, pelo fato de que aquele que ordena detém certo poder de ordenar, e o outro de obedecer. Mesmo porque, a base do método emancipador, proposto por Rancière, é o reconhecimento de que todas as inteligências são iguais e que o professor

não precisa, necessariamente, saber da matéria que está ensinando, mas deve acompanhar o trabalho do aluno a partir da materialidade do objeto e de seu discurso. O aponta para a valorização da dimensão política no processo de instrução em relação ao aspecto pedagógico.

Referências

RANCIÈRE, Jacotot. **O mestre ignorante**: cinco lições sobre a emancipação intelectual. Trad. Lílían do Valle. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SAMPAIO, Maria das Mercês Ferreira. **Um gosto amargo de escola**: relações entre currículo, ensino e fracasso escolar. 2. ed. São Paulo: Iglu, 2004.

Doutoranda Kênia Ribeiro da Silva Hidalgo
Pontifícia Universidade Católica de Goiás - Brasil
Bolsista do Programa CAPES/PROSUP
Rede Pública Municipal de Ensino de Goiânia
Grupo de Estudos e Pesquisas: Teoria Histórico-Cultural e Práticas
Pedagógicas
E-mail: keniacandy@hotmail.com

Prof^ª Dr^ª Beatriz Aparecida Zanatta
Pontifícia Universidade Católica de Goiás - Brasil
Programa de Pós-Graduação em Educação
Grupo de Estudos Teoria Histórico-Cultural: Didática na Perspectiva
Histórico-Cultural
E-mail: beanza@uol.com.br

Prof^ª Dr^ª Raquel Aparecida Marra da Madeira Freitas
Pontifícia Universidade Católica de Goiás - Brasil
Programa de Pós-Graduação em Atenção à Saúde
Grupo de Estudos e Pesquisas: Teoria Histórico-Cultural e Práticas
Pedagógicas
E-mail: raquelmarram@gmail.com

Recebido em: 27 mar. 2014.

Aprovado em: 12 jan. 2015.